

A IGREJA CATÓLICA NO INÍCIO DO TERCEIRO MILÊNIO

THE CATHOLIC CHURCH IN THE THIRD MILLENNIUM

Severino Vicente da Silva¹

RESUMO

O artigo procura compreender a escolha do mais recente conclave pelo cardeal de Buenos Aires, Argentina, para Sumo Pontífice e a escolha de Francisco como apelido papal. A escolha de caráter pessoal quase sempre é uma indicação do que deseja o novo pontífice. Desta feita, uma escolha sem precedente amplia o espaço para múltiplos entendimentos. Busquei entender a partir de uma visão historicamente mais abrangente, considerando que o cardeal jesuíta é um reformador, como foram Francisco de Assis e o Francisco Sales, além de ser a Igreja sempre reformadora de si mesma em sua inserção histórica.

PALAVRAS-CHAVE:

ABSTRACT

This Article searches understanding the most recent Conclave choice for the Cardinal of Buenos Aires, Argentina, of being the Supreme Pontiff, who chose “Franciscus” as his pope’s name, his So-called Patron and religious Model. This personal character choice is, almost always, an indication which the new Pontiff wishes of. In this perspective, a preceding less choice, like this one, enlarges the Space for multiple understandings. I tried understanding it, departing from a historically broader view, taking into account that the Jesuit Cardinal is a reformist as it occurred with Francis of Assisi and Francis of Sales, beyond being the Church always Its own Reformist, in its historical insertion.

KEY WORDS: Catholic Church; Pope Franciscus; Ecclesiastic Conjecture; Christian Humanism.

¹ Professor Doutor em História do Brasil, docente do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco; membro do Colegiado do Programa de Pós-graduação da UFPE; Membro do Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe; Membro do Instituto Histórico de Olinda. E-mail: severino.vicente@gmail.com

Perguntou-me um amigo como será a Igreja Católica no século XXI, quais expectativas eu tenho para esse período. Claro que tal pergunta está relacionada com o comportamento da Igreja nos séculos passados. De certa forma, nesta questão está posta uma crítica, pois nem sempre a Igreja tem se comportado da forma que ela intenta ensinar como a ideal para viverem e agirem os humanos que fazem parte do seu corpo. Desde o século XIX, as guerras garibaldinas,² que levaram à unificação da Itália, fizeram com que a igreja perdesse, simultaneamente, os territórios por ela dominados. Aliás, desde o décimo século, a existência de territórios papais impe16 O final do século XIX conheceu muitas insatisfações e elas levaram a diversos caminhos humanos, a muitas respostas, todas seriam solvidas no ar e no tempo (BERNAN, 1982). E, nesse emaranhado de desejos, realizações e frustrações, processaram-se novos caminhos para a humanidade, capitaneada pela Europa, que ampliou suas redes de influência, seus territórios, suas fábricas criadoras de objetos e desilusões, de alegrias e frustrações. Tudo parecia ir-se tornando cada vez mais volúvel, mais etéreo, menos eterno. Os deuses, esses foram tornados companheiros de viagens ou deixaram de existir. Deus está morto! Grita-se. Nesse tempo, o papa católico resistiu e, pateticamente, a tudo condenou, reuniu outros eclesiásticos e se proclamou infalível em assuntos de doutrina, para, em seguida, trancar-se em palácio na colina do Vaticano.

Enquanto nos corredores da Sé Romana discutiam-se estratégias para a manutenção da Cúria, muitos eram os católicos que continuavam a viver no mundo real dos homens e mulheres comuns. Tem sido assim ao longo da vida da igreja: enquanto os eclesiásticos procuram saída para não saírem de seus lugares, as comunidades eclesiais testemunham a experiência da permanente ressurreição, da fé. Os católicos sempre encontram alguns

² Guerras lideradas por Giuseppe Garibaldi, Manzine e o conde de Cavour, terminadas em 1870 com a conquista dos territórios pontifícios e a unificação da Itália sob a égide do victor Emanuel I

clérigos para animá-los e continuar na fé, apesar dos eclesiásticos enfurnados nas cúrias episcopais. Mas há outras histórias. A bondade de eclesiásticos como Francisco Sales³, personagem emblemático da renovação do catolicismo, no século XVI, diante do desafio que foram as Reformas Luterana e Calvinista vivendo na própria Genebra de Calvino é um desses casos. Os escritos de Francisco Sales⁴ são apontados como fundamentais na construção da civilização europeia. Embora não pudesse viver em Genebra, foi um bispo mais atento às necessidades de seus fiéis do que aos encantamentos dos corredores da Sé Romana, pois nunca deixou de ser o pároco de Chablais, vivendo com moderação, caridade, gentileza e humildade. Assim, ele foi diretor espiritual de Vicente de Paulo⁵, também santo católico por sua dedicação aos que viviam nos limites do sistema feudal, que expirava, e nos limites do capitalismo, que se organizava. Os pobres eram o foco da atenção desses sacerdotes, embora estivessem a viver nas franjas dos castelos. Poderíamos continuar a citar inúmeras personalidades que são pouco conhecidas no universo atual dos católicos.

Durante a Revolução Francesa a Igreja recebeu ataques de todos os lados e, então, ocorreu um aceleração no processo de descristianização (VOVELLE, 1989) da sociedade francesa e das sociedades que dela recebiam influência. Mas este é também o período de vida de João Maria Batista Vianney⁶, padre camponês, considerado incapaz do aprendizado de filosofia e teologia, mas que, na paróquia de Ars, apenas dedicando-se aos serviços simples, na igreja e nas casas dos seus paroquianos, veio a ser, no século XIX, um sinal visível da graça que a Igreja anuncia, e da eternidade. E foi ainda no ano da Revolução – 1789 – que nasceu

³ Padre jesuíta Nascido em 1567 e morto em 1652. Nasceu em Sabóia, formou-se em Direito na Universidade de Pádua.

⁴ Filotéia; Exercícios Espirituais e Diurnos; Tratado do Amor de Deus.

⁵ Vicente de Paulo nasceu em 1581 e morreu em 1660, é fundador dos Padres da Missão, para atender às necessidades dos mais pobres, são os Lazaristas.

⁶ Nascido em 1786, morto em 1859.

Marcelino Champagnat, de uma família de lavradores; após receber as letras e os valores cristãos católicos de seus pais, veio a ser o organizador dos terceiros da Congregação dos Padres Maristas, dedicando-se especialmente à educação das crianças que viviam em carência em uma época de revoluções constantes, na França e em toda a Europa. O seu período de vida coincide com as guerras napoleônicas (1800-1815), com as Restaurações de 1815 e 1830, e com a organização dos sistemas educacional e fabril franceses. Nesse turbilhão, ele dedica-se à construção de escolas católicas. A vida dos humildes aparece como de pouco interesse aos que estão a fazer a história dos estados e preocupados em gravar seus nomes na memória e nas paredes de monumentos dedicados aos grandes líderes.

E enquanto o tempo avançava, os papas do século XIX cuidavam muito da defesa do Patrimônio da Tradição, mas, também, às vezes principalmente, do “Patrimônio de São Pedro”, preocupados em garanti-lo sob a proteção de príncipes e imperadores. Até permitiam que alguns chefes de estados católicos interferissem na escolha de papas. Aos poucos, porém, alguns dos eclesiásticos começaram a perceber que a proteção causa problemas indesejados como a interferência de Áustria, França e Espanha nos conclaves. As pressões tornavam-se demasiadas e, finalmente, o papa Pio IX definiu que não seria mais permitida nenhuma interferência de potências nas eleições papais, e desde então, apenas os cardeais poderão votar e apenas os presentes, não sendo permitido qualquer informação sobre vetos a este ou àquele cardeal (Cf. LESSOURD, 1971, p.271)⁷.

E, no entanto, continuava a vida dos cristãos católicos que mantinham a fé enquanto continuavam na produção diária de

⁷ “Toda intervenção de uma potência leiga qualquer no ato eleitoral deve ser excluída. O direito de eleição ao soberano pontificado pertence aos cardeais somente”. Decreto secreto de Pio IX *In hac sublimi*, de 23 de agosto de 1871 *apud* LESSOURD, Paul. **História secreta dos conclaves**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971. p. 271.

suas vidas, nas oficinas, nas ruas. A sociedade reorganiza-se para viver as novas tecnologias e buscar soluções para atenuar os seus sofrimentos, para escapar da maldição que vem desde a expulsão do Paraíso: a de comer o pão com o suor do rosto e dar continuidade à vida com muitas dores, conforme está contado no livro do Gênesis, capítulo 2, nos versículos de 14 a 24. Toda a literatura das diversas épocas diz que havia grupamentos humanos que encontraram meios de escapar da terrível maldição. Na verdade, as invenções e aperfeiçoamentos humanos são parte desta luta constante para escapar das dores, dos sofrimentos, da estafa que o trabalho e a manutenção da vida produzem. Os que conseguiram fizeram-no aumentando o sofrimento de outros grupos humanos, gerando uma situação de injustiça, pois escaparam sozinhos de um castigo coletivo, demonstrando a imensa ausência de solidariedade e compaixão, que, às vezes, são asseveradas em discursos e algumas práticas de filantropia. Aliás, se houvesse o compadecimento de verdade, já haveria condições de quase toda a humanidade suar menos, sofrer menos. Parece que é disso que tratam as palavras dos fundadores da religião cristã, que tem por base a vida de um Deus que se tornou homem, partilhando as suas dores e dizia fazer isso para que “todos tenham vida”. Todos e não alguns. Esse homem e Deus, diz a tradição, ensinou com suas obras e não apenas com as palavras. Sempre que chorou e se compadeceu com o sofrimento do outro, do seu vizinho, transformou essa lágrima e esse compadecimento em ação, curando, alimentando multidões.⁸

No século em que a Inglaterra tornou-se a Oficina do mundo e os americanos do Norte alavancaram o seu processo de industrialização e ocorria o aumento da produção e da produtividade (GALBRAITH, 1986), muitos viviam na miséria e não tinham a sua humanidade reconhecida, como aconteciam com galés, escravos, plantadores de trilhos e tantos desafortunados, a Igreja Católica teve que confrontar-se com os novos problemas

⁸ Mateus 15, 29ss e outras passagens dos Evangelhos.

sociais. Os problemas diplomáticos e políticos continuavam a ser vividos pela Cúria Romana enquanto os cristãos comuns continuavam a buscar soluções para seus problemas e para a sua vida religiosa em um mundo cada vez mais materialista e próximo ao ateísmo, ao niilismo, ao hedonismo, ao consolo de si mesmo. Assim é que ocorreu certo renascimento da fé, quase imperceptível ao tempo de seu acontecimento. Assim ocorreu com Ana Rosa Maria Gattorno⁹ que, em 1856, fundou o Instituto das Filhas de Sant'Ana com o objetivo de servir aos mais pobres, dando-lhes conforto após terem sido postos para fora das fábricas depois de anos de trabalhos, já sem forças e doentes. Semelhante foi o caminho de Paula Frassinete¹⁰ que organizou a Congregação das Irmãs Doroteias para atender às necessidades educacionais de jovens, inclusive em seu próprio lugar de trabalho. Também o padre João Bosco¹¹ parece emblemático em sua atuação na educação dos filhos dos operários. Poderíamos continuar citando as muitas iniciativas oriundas dos baixos escalões eclesiásticos, e de leigos, para atender à demanda dos despossuídos e miseráveis gerados pela e na Revolução Industrial, na Europa e fora dela. Sabemos que o sentimento missionário levou muitos jovens cristãos, clérigos e leigos, para os espaços de catequese que se abriram simultaneamente com as linhas de trens, as navegações marítimas e tudo o mais, na África e Ásia. Assim, enquanto havia uma condenação da Igreja aos males da modernização e da modernidade, tão sempre lembrados pelos cristãos mais críticos e pelos críticos não cristãos, especialmente a *Quanta Cura* e o seu anexo, o *Syllabus* dos erros modernos, não há como esconder que havia outros ingredientes em ação na Igreja. No final do século XIX, uma pessoa que olhasse a Igreja Católica apenas pelo viés

⁹ Nascida em 1831 e morta em 1900.

¹⁰ Nascida em 1809 e morta em 1882

¹¹ Nascido em 1815 e morto em 1888.

da Santa Sé, diria, como disseram muitos: no século XX, teremos o último papa e o fim da religião. A ciência e a tecnologia de tudo tomará cuidado.

Se, diferentemente de Hobsbawn, colocarmos o início do século XX, para a Igreja, no ano da publicação da *Rerum Novarum*, nós o tornaremos mais longo e, diferentemente do esperado, o que ocorreu foi o fortalecimento do sentimento religioso, além do fortalecimento do papado. Não necessariamente um decorrente do outro, pois o reavivamento religioso ocorrido no final do século XX tem motivações outras, para além do catolicismo e mesmo do cristianismo. O fortalecimento do papado parece ter ocorrido a partir de posturas positivas, e propositivas diante dos problemas que foram sendo postos pelos confrontos e conflitos nas sociedades e entre os países. Na Primeira Guerra Mundial, a declaração corajosa de Bento XV confrontou-se com os nacionalismos e propôs uma paz para um caminho quase impossível. Digo postura corajosa, pois o papa estava enclausurado em seu palácio e não tinha o reconhecimento das nações. Ainda não havia o Estado do Vaticano. Era um palhaço informando a uma população sobre um furacão que vem a chegar. Todos o acham engraçado e ninguém o leva a sério (Cf. RATZINGER, 2012)¹². Ainda assim foi sendo conquistada uma autoridade moral enquanto a diplomacia buscava um reconhecimento para o Vaticano, o que veio a ocorrer com o Tratado de Latrão, assinado com a Itália, em 1929. Aliás, esse Tratado tem sido mais criticado do que o tratado assinado entre a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e a Alemanha do Nacional Socialismo, a Alemanha Nazista. Mas o papa que assinou o acordo de reconhecimento com o estado italiano, Pio XI, foi o mesmo que retornou à questão das relações de trabalho no mundo industrial, com a *Quadragesimo Anno*, e que fez condenações aos sistemas econômicos e políticos em atividade naquela terceira década do século.¹³ O longo pontificado de Pio

¹² Tomo esta imagem emprestada de conhecido cardeal Joseph Ratzinger.

¹³ A esse respeito ver SILVA, Severino Vicente da. **Entre o Tibre e o Capibaribe**: limites da igreja progressista na Arquidiocese de Olinda e Recife. Recife: Editora

XII foi oportuno no sentido de criar uma estabilidade no corpo eclesiástico em um mundo em constante mudança. Talvez isso fizesse muitos católicos imaginarem que o Corpo Místico estava seguro e as procelas não viriam ameaçar a Barca de Pedro. Contudo, a diplomacia de Pio XII esteve muito próxima dos poderosos e colocou em segundo plano as ações voltadas para a edificação de uma sociedade com menor nível de injustiças. Ao mesmo tempo, muitas das criações do século XIX, que eram orientadas pelos seus idealizadores para o serviço físico, real e permanente aos pobres, passaram a ser entendidas apenas como uma atividade assistencial. A acomodação aliou-se ao medo do comunismo.

As transformações sociais continuavam a ocorrer, embora a Cúria Romana parecesse não perceber. A fé na eternidade da vida pareceu tornar-se o mito da eternidade da Igreja. O conservadorismo tomou o lugar da Tradição e a Igreja parecia ser o Túmulo de Deus (ROBERTS, 1974), como chegou a escrever um teólogo. E veio o surpreendente João XXIII¹⁴ que, com a convocação do Concílio Vaticano II, relançou nova vida, reconhecendo o quanto a Igreja tinha parado no tempo e precisava atualizar-se. Lufadas de vida sopraram algumas poeiras e o debate teológico voltou a existir. O Concílio foi, para alguns, um ponto de chegada, outros o entenderam como um momento de partida para novas rotas. As novidades da democracia entraram sorrateiramente no universo aristocrático da primeira monarquia absolutista da história ocidental. Experiências foram realizadas, e era admirável como uma “velha senhora”, de quase dois milênios, parecesse tão à vontade no universo juvenil da sociedade industrial, de apenas uma centúria, e com problemas comuns, como revelaram os acontecimentos de 1968¹⁵. Apesar dos espaços já conquistados pelos leigos veio a perplexidade

Universitária UFPE; Associação Reviva, 2006.

¹⁴ Ângelo Roncali foi eleito papa em 1958 e pontificou até 1963.

¹⁵ Em 1968, ocorreram revoltas estudantis nas universidades da França, que cresceram com o apoio dos trabalhadores, urgindo a ação do Presidente Charles De Gaulle. Também ocorreram revoltas no México e no Brasil.

do papa Paulo VI¹⁶ em não entender as razões das insatisfações dos católicos com a permanência e proeminência de setores conservadores no direcionamento dos passos da Igreja. Eles, os leigos, pareciam querer sempre mais. Apesar dos esforços pastorais, a igreja reagiu de maneira semelhante à perplexidade do mundo diante da insatisfação dos jovens com o muito que a sociedade industrial estava a lhes mimar e a lhes negar. Ah! Eles queriam o impossível. Como o impossível não veio, chegaram às possibilidades criadas por novos costumes, novas maneiras de viver e imaginar a vida. Até mesmo a alternativa do comunismo soviético, permanente terror dos curiais romanos, perdeu atrativo para os jovens ao descobrirem que aquele paraíso que se oferecia além do Muro, como o paraíso do lado de cá do Muro e o paraíso dos nazifascistas, estava assentado sobre vidas destruídas e muitos cadáveres. Ocorria a criação de novos paradigmas e tudo indicava que se vivia um espetáculo permanente e, como ensinava um profeta do século XIX, todas as coisas sólidas desmanchavam-se no ar, com o sopro dos novos tempos. Todavia, buscavam-se certezas para além daquelas recebidas através dos pais.

Um dos caminhos foi o Oriente, que sempre encantou a imaginação dos ocidentais. Para lá foram os *Beatles* e para cá vieram os *Hare Krishina*, a redescoberta dos budismos, a prática da Ioga e muito mais. Para a Igreja este era um caminho que vinha sendo trilhado com muito cuidado e foi sancionado pelo Concílio Vaticano II através da *Unitatis Redintegratio*, o decreto sobre o Ecumenismo, e da *Nostra Aetate*, sobre as relações com as igrejas não cristãs. E, contudo, a Igreja sabia-se *Mater et Magistra*, como sempre lembrou o papa João XIII. Tateava para entender os sinais do tempo.

A explicitação de que a Igreja aprendeu no diálogo com o mundo, que havia sido iniciado ainda no governo de Pio XII, como atesta Roger Garaudy em seu “Do anátema ao diálogo”, se deu, entre

¹⁶ Giovanni Montini foi pontífice romano de 1963 até 1978.

outras formas, com as experiências que vinham sendo realizadas pelos sacerdotes operários franceses, sob a supervisão dos padres Bea¹⁷ e Ives Congar¹⁸. Esse diálogo profundo e silencioso parece ter sido substituído pelo diálogo mais espetacular do papa João Paulo II, que governou a igreja de 1978 até 2005. Seu carisma aliou-se ao prestígio e recuperação do poder simbólico que os últimos papas reconquistaram; ele esforçou-se especialmente para que a Igreja mais juvenil não se deixasse enredar pelos discursos de matiz marxista, que, para ele, pareciam ser uma secularização dos ideais do cristianismo, ou ainda uma heresia. Assim, fez uma diplomacia baseada no diálogo com os jovens e uma atenção aos desvios possíveis, a que são levados os que se dedicam à militância política, embora estivesse mais atento e se apresentasse mais severo com os desvios praticados por aqueles mais próximos da sociologia marxista. João Paulo II tinha consciência de que levava a Igreja para o seu terceiro milênio e não desejava que ela fosse tomada por opções mais terrenas que espirituais. Sua forte personalidade marcou de tal maneira o último quartel do século XX, tanto quanto Pio XII o fizera na primeira metade.

Pode-se dizer que João Paulo II terminou o século XX, mas não iniciou o terceiro milênio. Como Moisés, ele teve o seu Josué, o cardeal Ratzinger, que o sucedeu como Bento XVI, lembrando Bento XV, o palhaço que vem trazer a notícia a um povo que ri de sua mensagem enquanto o perigo se aproxima e já toma conta de quase tudo.

O século XX, visto a partir do olhar da ortodoxia, parece ter sido um século de luta contra o ateísmo que havia tomado forma política na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e suas extensões; essa expressão da modernidade que ocupou todos os papas, desde Pio IX. Outras expressões políticas do ateísmo existiram, mas foram combatidas, talvez de maneira mais oblíqua,

¹⁷ Agostinho Bea, nascido em 1881 e morto em 1968. Foi cardeal.

¹⁸ Nascido em 1904, faleceu em 1995. Foi cardeal

às vezes até deixando leve suspeita de colaboração, como foi o caso das relações com o Fascismo Italiano, o Social Nacionalismo Alemão e, na América Latina, com as ditaduras explicitamente anticomunistas. Tais relações ficaram na nebulosa da *realpolitick*. Internamente, esse viés pode ser também observado no que se refere à condenação da experiência dos Padres Operários franceses, na proibição das obras de Teilhard de Chardin¹⁹, na crítica à Teologia da Libertação na América Latina, ao mesmo tempo em que abria os braços para receber a Fraternidade Sacerdotal Pio X, do Monsenhor Lefebvre²⁰ e, até mesmo, em relação a casos de pedofilia ou malversações dos dirigentes do Banco Ambrosiano. Assim, o século XX deixava muitas tarefas inclusas e apontava para um novo milênio preocupante, embora cheio de esperanças durante o pontificado de Bento XVI que ficou mais marcado por sua atuação à frente da Defesa da Fé do que como o professor e intelectual que abria novos horizontes para os seus irmãos.

A renúncia de Bento XVI desconcertou a todos e abriu espaço para que, finalmente, tivesse início o terceiro milênio, que vem sendo construído enquanto a Cúria Romana vai sendo modificada. Não como o fez João Paulo II, com seu carisma e maneira centralizadora e imperial de governo, mas com a lenta paciência de um quase mestiço latino americano, o papa Francisco I, um discípulo de Francisco Sales.

¹⁹ Pierre Teilhard de Chardin nasceu em Orcine, em maio de 1881, e morreu em Nova Iorque, em 1955. Padre jesuíta, teólogo, filósofo e paleontólogo, logrou construir uma visão integradora entre ciência e teologia. Através de suas obras, deixou como herança uma filosofia que reconcilia a ciência do mundo material com as forças sagradas do divino e sua teologia. Disposto a desfazer o mal entendido entre a ciência e a religião, conseguiu ser mal visto pelos representantes de ambas. Muitos colegas cientistas negaram o valor científico de sua obra, acusando-a de vir carregada de um misticismo e de uma linguagem estranha à ciência. Do lado da Igreja Católica, por sua vez, foi proibido de lecionar, de publicar suas obras teológicas e submetido a um quase exílio na China.

²⁰ Após separação por discordar de alguns pontos definidos pelo Concílio Vaticano II, atualmente estão em estágio bastante avançado as conversações para sua reintegração plena no seio da Igreja Católica..

Quando Jorge Maria Bergoglio, nascido em Buenos Aires, no ano de 1936, foi anunciado como o novo papa da Igreja católica, era um grande desconhecido de quase todo o mundo. Seu nome não aparecia na lista dos papáveis, embora houvesse sido mencionado no conclave anterior. Especialistas chegaram a dizer que ele foi um grande concorrente no conclave que escolheu Ratzinger como papa²¹ Bento XVI. Teria alcançado 40 votos. Bergoglio era, então, arcebispo de Buenos Aires, desde 1998, mas apenas em 2001 recebeu o título de cardeal presbítero. A maior parte de sua vida ele a transcorreu em seu país, como professor de filosofia e literatura e, também, como superior dos Jesuítas nos tempos da ditadura militar. Sua atuação é apontada pelos setores mais progressistas como sendo conservadora. Chama atenção que, três dias antes do conclave que elegeu Ratzinger, tenham aparecido acusações contra o cardeal de Buenos Aires, acusando-o de ter apoiado a ditadura.²² Comenta-se que tais ruídos vieram de dentro, de colegas de Ordem temerosos por sua eleição. O antigo superior dos jesuítas na Argentina era visto com desconfiança pelos conservadores e pelos progressistas. Para estes, ele teria feito diminuir o ímpeto dos jovens e, para os conservadores, teria sido muito tolerante com os mais progressistas. O cardeal Bergoglio desenvolveu uma profunda amizade com a comunidade judaica²³ e com o povo simples de sua diocese, que o encontrava nos transportes coletivos. Talvez, podem alguns dizer, essa linhagem de pobreza e humildade tivesse sido aprendida no colégio, o colégio salesiano em que estudou. Francisco Sales, o bispo jesuíta

²¹ John Allen Jr no National Catholic Report.

²² Foi com muita rapidez que voltaram à tona as ações de Horacio Verbitsky que escreveu um livro acusando o cardeal Bergoglio de apoiar a ditadura argentina. O jornalista é um assessor da presidente Cristina Kirchner que tem tido fortes divergências com o cardeal de Buenos Aires.

²³ “O atentado contra a AMIA ocorreu em uma segunda-feira, às 9:53 da manhã, em 18 de julho de 1994. Uma van da marca Renault Traffic, carregada com 300 quilos de explosivos, explodiu a emblemática sede social da comunidade judaica argentina. A vida de 85 pessoas foi sepultada sob os escombros na rua Pasteur, 633. Mais de 300 ficaram feridas.” <http://discoverybrasil.uol.com.br/web/amia/> Desde os primeiros momentos o Cardeal Bergoglio apresentou-se à comunidade judaica e dali nasceu uma profunda amizade com o rabino.

tridentino parece servir-lhe de modelo.

A chegada ao pontificado máximo de Jorge Maria Bergoglio, com o nome de Francisco I, foi uma surpresa, desde a sua primeira saudação na Praça de São Pedro e do pedido para que rezassem com ele e por ele. As semanas seguintes foram de calma e movimentação. A cada movimento uma indicação. O papa tomando o transporte ao lado dos cardeais, e muitos outros gestos com os quais desconstruía a imagem de um soberano absoluto e indicava que a expressão *Servus Servorum Dei* passaria a ser entendida para muito além do fraseado formalístico e ritual. Desde então, tem sido percebido que cada movimento de Francisco é indicativo de uma Igreja que se renova, sem buscar ser espetacular ou espetaculosa. A simplicidade dos movimentos de seu corpo, a naturalidade do riso, a espontaneidade no andar, tudo como que impede tentativas de falsificar sua imagem. Sua viagem à Ilha de Lampedusa,²⁴ para demonstrar solidariedade aos africanos que atravessam o Mediterrâneo em busca de uma terra de promessa – embora muitos encontrem a morte, e outros, a indiferença – é exemplo de que ele deseja continuar perto dos fiéis, com a mesma naturalidade com que tomava o metrô de Buenos Aires.

Embora não fosse à Cúria Romana (Cf. MARTINA, 1997)²⁵, além do necessário para o exercício de sua função de cardeal arcebispo, Bergoglio parece conhecer bem as medidas que são exigidas a quem desejar viver na corte. A corte quase sempre é uma representação do príncipe, pois os que ali vivem desejam ser parecidos com ele (ELIAS, 1994). Em monarquias absolutas, como é o caso da monarquia do Vaticano, a corte tem, sobre o príncipe, um poder inimaginável em monarquias absolutas de herança sanguínea, como ocorria na França até o final do século

²⁴ Visita ocorrida no dia 10 de julho de 2012. <http://www.acnur.org/t3/portugues/noticias/noticia/papa-francisco-visita-migrantes-e-refugiados-na-ilha-italiana-de-lampedusa/>

²⁵ A Cúria romana basicamente seguia as diretrizes que foram estabelecidas em 1588, pelo Papa Sisto V, até que Pio X (1903-1914) promoveu a sua reforma, com a publicação da *Sapientis consilio* de 29 de junho de 1908.

XIX em monarquias nas quais os príncipes elegem o soberano, como acontecia na Polônia, os soberanos são frágeis, pois o seu poder era dependente dos aristocratas que os convidara. O preço que a corte polonesa pagou para ter o seu rei manietado, foi ver Henrique de Valois ²⁶ fugir para ser rei na França e, mais tarde, assistir às potências dividirem entre si os despojos de uma nação (ANDERSON, 1982). Ora, como foi visto, havia interferência de reis imperadores católicos nas salas dos conclaves, com o direito de vetar candidatos que não eram de seu agrado, e isso ocorreu até a eleição de Pio IX que, afrontando a crise e compreendendo que tais relações estavam a cada vez menos apropriadas, pôs um ponto final àquela prática. E isso ocorreu no exato momento em que a Igreja estava perdendo os territórios nos quais o pontífice romano exercia, física e efetivamente, o poder temporal. Foi já sem esse poder e sem os territórios pontifícios que Leão XIII deu os passos vestibulares para o século XX. Era a propedêutica do poder moral, do seu exercício apenas através do poder da persuasão, do poder da ética, como foi a atitude de Bento XV diante do conflito de 1914, posição ridicularizada por pregador na Catedral de Notre Dame, informando ao papa que, como francês, ele não poderia seguir a orientação pela paz indicada pela Sé Romana.²⁷ Bento XV é um papa pouco lembrado pelos católicos enredados nos nacionalismos do século XX. Os curialistas, os dos corredores vaticanos e os de corredores de outros palácios, cuidaram de ofuscá-lo, e sua saudável memória só veio à tona no momento em que Ratzinger escolheu o nome Bento para ressaltar a sua importância para além de ser o papa que havia finalizado o Código de Direito Canônico: melhor a metáfora do palhaço que leva a mensagem para quem dela necessita. Os anos do pós-Primeira Guerra Mundial, o conflito que, segundo Habsbawn,

²⁶ Filho de Catarina de Médicis e Henrique II foi rei da Polônia entre 1573 e 1575, tendo fugido cavalgando toda uma noite para assumir o reino da França após a morte de seu irmão Carlos IX.

²⁷ SILVA, Severino Vicente da. **A Primeira Guerra Mundial n'A Tribuna Religiosa: a formação da neo-cristandade (1917-1919)**. Dissertação de Mestrado em História. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1986.

só terminaria com o “pequeno século”, com a queda do império soviético, foram de recuperação moral do papado. Mas eles foram também de fortalecimento da Cúria, com o pontificado de Pio XII, que, como Eugenio Pacelli, esteve quase toda a sua vida nos muros do Vaticano e participou da equipe de elaboração do Código de Direito Canônico, da preparação do Tratado de Latrão e era o Secretário de Estado quando da assinatura da Concordata com a Alemanha Nazista²⁸.

A Cúria Romana sentiu o primeiro baque em seu poder na surpresa da convocação do Concílio Vaticano, feita pelo papa João XXIII e com a reação que os padres conciliares diante dos documentos preparados para apreciação e aprovação do episcopado presente no Concílio. Alguns padres conciliares fizeram críticas aos esquemas apresentados e conseguiram que consultores não indicados pela Cúria pudessem assessorar os bispos em seus estudos e definições.²⁹ Um novo mundo chegou aos corredores do Concílio, um mundo desconhecido pelos curiais. Muitos bispos chegaram ao Concílio Vaticano II com as vozes dos fiéis de suas dioceses. Era um anúncio do século XXI, mas foi anúncio que foi comprometido pela timidez de Paulo VI, especialmente após a publicação da encíclica *Humanae Vitae*, em 1968. Para a escritura dessa carta, o papa formou duas comissões e, ao término, deu preferência àquela que estava mais conforme com a tradição formalista da Igreja e era temerosa no uso das tecnologias sobre a concepção. Enfim, foi considerada conservadora pelos católicos mais afinados com o mundo moderno e vista, pelos cientistas e ativistas políticos, como um retrocesso. Assim, a publicação dessa encíclica provocou um ataque à Igreja com a informação de

²⁸ A Concordata foi assinada a 29 de julho de 1933. Após a assinatura da concordata, o comportamento dos nazistas surpreendeu o papa Pio XI que iniciou a escrita de uma Encíclica condenando o Nazismo. A sua morte impediu a publicação; após a entronização de Pio XII, o documento foi perdido.

²⁹ A bibliografia sobre o concílio já é bem numerosa e tende a crescer mais. Sugiro a obra de ALBERIGO, Giuseppe. **História do Concílio Vaticano II**. Petrópolis: Vozes, 1996. Volume I para este tópico.

que a Santa Sé investia em companhias ligadas à produção de armamentos e de produtos anticoncepcionais, sendo que o uso de anticoncepcionais ficara desaconselhado aos católicos, e isso foi visto como uma proibição, um ataque ao mundo moderno. Diante de tais acusações, Paulo VI mandou que os investimentos que eram feitos pelo Instituto de Obras Religiosas³⁰ – o Banco Ambrosiano – nessas indústrias fossem retirados. Em uma sociedade capitalista, proibir-se de investir onde é lucrativo³¹ é danoso e o resultado foi uma crise nas finanças do Vaticano. Desde então vem sendo feito um esforço para controlar esse aspecto da vida da igreja. Interessante é que uma das ações do papa Francisco I dirige-se para a organização das atividades do Banco do Vaticano, tendo formado uma comissão para este fim, no dia 26 de junho³² dando continuidade a uma tratativa iniciada por Bento XVI. A atuação de Francisco I permitiu a prisão do monsenhor Nunzio Sacarano, acusado por fazer transferência de dinheiro desde a Suíça. Um comportamento inteiramente diferente daquele de João Paulo II em relação ao bispo Marcinkus, que recebeu passaporte e imunidade diplomática para sair do Vaticano, escapando da prisão em território italiano. A atitude de Francisco animou a que mais dois dirigentes do Banco do Vaticano (Paulo Cipriani, e o vice, Massimo Tulli) solicitassem demissão. Tudo indica que ou o Banco do Vaticano se tornará um banco honesto ou será fechado. Embora suas origens profundas sejam encontradas nos Evange-

³⁰ O Instituto para Obras Religiosas – IOR – foi uma das criações de Pio XII.

³¹ Essa interferência de Paulo VI nos negócios do Banco Ambrosiano ia contra o compromisso de fundação da instituição, pois Pio XI comprometera-se a deixar livre a administração do Banco. YALLOP, David. **Em nome de Deus**. Rio de Janeiro: Record, s/d. p. 121.

³² “A comissão, que começará a trabalhar em breve, é composta pelo cardeal salesiano Raffaele Farina (presidente), arquivista e bibliista emérito do Vaticano, especialista em patrística; cardeal Jean-Louis Pierre Tauran, membro da comissão cardinalícia de supervisão do **IOR**; Dom Juan Ignacio Arrieta Ochoa (coordenador), secretário do Conselho Pontifício para os textos legislativos, membro do Opus Dei; Dom Peter Bryan Wells (secretário), número três da Secretaria de Estado; e pela professora Mary Ann Glendon, jurista em Harvard e ex-embaixadora dos EUA junto à Santa Sé”. <http://www.aleteia.org/pt/mundo/documentos/papa-francisco-nomeia-comissao-para-controlar-banco-do-vaticano-2286001>. Acessado a 18 de julho de 2013.

lhos e nos ensinamentos dos Padres da Igreja, a definição dos Direitos do Cidadão e da Pessoa Humana vem sendo uma conquista da sociedade moderna, desde as Revoluções Burguesas dos séculos XVII e XVIII³³, e é lentamente que tais aperfeiçoamentos da vida social foram sendo compreendidos e incorporados aos valores religiosos. Ora, se consideramos o cristianismo uma religião histórica, e que a Revelação da vontade de Deus não se deu de uma só e única vez, podemos entender que aquelas invenções humanas que esclareçam e atualizem historicamente a Revelação, não há como aceitar o não reconhecimento dos Direitos Humanos como parte do cristianismo. o que foi revelado. A dignidade dos filhos de Deus é a dignidade dos homens e deve-se compreender que todos os homens são filhos de Deus. Ora, houve um tempo em que as crianças não eram vistas como crianças, mas como adultos que ainda não cresceram. Aprendemos ter sido o início da chamada Idade Moderna aquele quando a sociedade europeia passou a perceber a criança como portadora de sua realidade própria. Na verdade, os cristãos do Império Romano recolhiam as crianças abandonadas, pois nasciam sem serem desejadas. Postas nas ruas para serem levadas por quem se interessasse em usá-las mais tarde, como escravas, ou jogadas nos lixões, eram recolhidas pelas famílias cristãs (GIORDANI, 1950). É parte inerente do cristianismo o reconhecimento da dignidade humana, ainda que, em tempos menos racionalistas, a definição dessa dignidade fosse feita em linguagem mais religiosa.

Como vimos, no século XIX foram muitas as iniciativas dos cristãos para a proteção de jovens, organizando espaços onde pudessem ficar e aprender uma atividade que lhes permitisse participar do mundo do trabalho. Sabemos, entretanto, que os que vivem no tempo, fazem-no com todas as possibilidades de seu tempo, e uma das possibilidades do tempo é a do vício, da ausência de respeito pelo outro. Como os ensinamentos da Igreja sempre

³³ A referência é às Revoluções Inglesa (1640-1668), Americana (1776) e Francesa (1789).

foram contrários aos abusos, usos indevidos das coisas, e uso de pessoas, sempre que algum de seus membros age de maneira contrária ao ensinamento, é natural que os não participantes da Igreja fiquem escandalizados com o ocorrido e com o silêncio sobre esses acontecimentos. Uma das questões que atormentou a Igreja Católica em grande parte o século XX foi o abuso sexual de crianças e a prática do homossexualismo por parte de membros do clero. E o silêncio sobre esses fatos.

Houve um tempo em que as sociedades dedicavam pouca importância a esses acontecimentos. Uma ampla literatura demonstra isso, e também mostra que ocorreram mudanças de comportamento diante dessas práticas, o que tem levado a câmbios de atitudes e legislação. Mais que as demais sociedades, a Igreja tinha que promover novos parâmetros de ação sobre esses fatos. O silêncio sobre as injustiças sociais e individuais é inaceitável. Quando os eclesiásticos que comandam a Igreja ficam temerosos ou silenciosos diante dos acontecimentos, os cristãos comuns agem de acordo com o que lhes aconselha o Espírito ³⁴. Muitas comunidades católicas começaram a levar padres e bispos aos tribunais eclesiásticos por conta de seus Direitos Humanos desrespeitados. O papa Bento XVI renunciou informando que não tinha forças físicas e espirituais para realizar as mudanças requeridas pela Igreja. Que forças atuariam sobre o papa em seu castelo, em sua Cúria? Caberá, então, ao seu sucessor a tarefa de enfrentar também esta questão disciplinar que tem trazido muito sofrimento à Igreja. Uma de suas primeiras ações foi modificar, por iniciativa própria, – Moto próprio ³⁵ – o Código Penal do

³⁴ Esse foi o caso de Boston diante do comportamento de João Paulo II. <http://noticias.terra.com.br/mundo/mortedopapa/interna/0,,OI505144-EI4692,00.html>

³⁵ LETTERA POSTOLICA IN FORMA DI «MOTU PROPRIO» DEL SOMMO PONTEFICE **FRANCESCO** SULLA GIURISDIZIONE DEGLI ORGANI GIUDIZIARI DELLO STATO DELLA CITTÀ DEL VATICANO IN MATERIA PENALE

http://www.vatican.va/holy_father/francesco/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio_20130711_organigiudiziari_it.html

Estado do Vaticano tornando mais severas as penas referentes aos crimes de abuso sexual.

Entre as reformas, destaca-se a introdução do delito de tortura e uma definição mais criteriosa sobre os crimes de tráfico humano, prostituição, violência sexual, pornografia infantil, posse de material de pornografia infantil e abusos contra menores.

Em 15 de julho de 2010, Bento XVI deu uma reviravolta em sua luta contra a pederastia e aprovou uma reforma que tornava mais rígidas as leis contra a pedofilia, incluindo a posse de pornografia infantil como um delito, por exemplo.

Bento XVI também equiparou os abusos contra deficientes mentais adultos aos cometidos contra menores e introduziu um novo crime, pelo qual se punia a posse e difusão “por parte de um membro do clero, em qualquer modo e com qualquer meio”, de imagens pornográficas que tenham como objeto menores de 14 anos.

Agora, Francisco também incluiu na legislação o delito contra a humanidade, o genocídio e o *apartheid*, assim como normas mais duras contra a corrupção. O papa, por outro lado, aboliu a condenação à prisão perpétua e a substituiu por penas que vão de 30 a 35 anos.³⁶

Essas ações de Francisco I apontam para uma renovação profunda na Igreja, pois quando as faz não deixa de manter suas autoridade pastoral e liderança sobre a Cúria. Aliás, a própria Cúria tem recebido informações de que ela não terá o poder que antes possuía. Embora tenha sido escolhido por príncipes que formam a sua monarquia, Francisco I foi eleito pelos que desejavam mudanças

³⁶ <http://noticias.terra.com.br/mundo/europa/papa-francisco-reforma-codigo-penal-e-reforca-sancoes-contra-pedofilia,e4860699fa0cf310VgnCLD200000ec6eb0aRCRD.html> Acessado a 18 de julho de 2013.

na política interna da Igreja, complementando e fortalecendo as relações com os cristãos, os leigos, como desejam os documentos emanados do Concílio Vaticano II.

Uma das surpresas do advento de Francisco I é a sua origem. Em suas primeiras palavras lembrou que seus “irmãos cardeais foram buscar um papa no fim do mundo”, excêntrica Argentina, ou seja, fora do centro europeu, na América Latina, onde hoje vivem 42% dos católicos do mundo, dos quais 37 milhões são argentinos, como Bergoglio. Foi no continente americano, mais especificamente na parte sul e central que, nos anos setenta, na busca de aprofundar as orientações da *Lumen Gentium* e dos demais documentos conciliares que indicam uma mais profunda inserção no mundo, atento aos sinais dos tempos para exercer a missão de ser luz do mundo e sinal da Boa Nova, que foi sendo construída a Teologia da Libertação. O uso exagerado da sociologia deixou em guarda os setores mais tradicionais da Igreja, culminando com uma repreensão aos avanços teológicos feitos com uma perigosa aproximação ao marxismo. A postura de Bergoglio foi de cautela, mas não de condenação aos que foram levados por aquele caminho. A ação cristã, ensina ele, não pode ser confundida com a ação política e partidária, a fé é bem mais exigente. A prática da caridade sem a fé torna a Igreja uma simples Organização Não Governamental – ONG.

Assim espera-se muito do pontificado que se inicia de maneira extremamente nova, com dois pontífices em vida. Quando aconteceu situação semelhante³⁷, a cristandade estava em guerra e os papas excomungavam-se confiando na proteção de príncipes, o que levou a Igreja a situação esdrúxula dos papas venais do Renascimento (TUCHAMAN, 1984), aparentemente sem preocupação com as questões e necessidades espirituais dos cristãos. A

³⁷ A referência é à disputa entre Roma e Avinhão, quando o rei Felipe, o Belo, da França, impôs a eleição de Clemente V e este anulou bulas do papa Bonifácio VIII e pôs término à ordem dos Cavaleiros Templários para beneficiar o rei francês.

Igreja inicia o século XX com o papa reinante, Francisco I, publicando encíclica iniciada por Bento XVI, o papa emérito. Nenhum dos dois age depositando sua confiança nos poderes dos homens ou dos Estados. Cada um dos seus gestos parece a oração introdutória da missa: “ao Deus que alegra a minha juventude”.

A euforia do Renascimento Humanista marcou o mundo moderno e provocou Reformas; por sua vez, o Concílio de Trento estabeleceu normas e comportamentos que pareciam imutáveis. Por séculos, a Cúria Romana entendia definir o comportamento de todos os cristãos católicos. Apesar do controle e das alianças que os eclesiásticos curiais realizavam com reis e imperadores, clérigos e leigos mantiveram-se na Igreja superando os desafios que as novas realidades criaram na sociedade moderna e industrial. O curto pontificado de João XXIII trouxe o anúncio da alegria do novo tempo, que avança como a sequência das ondas do mar³⁸. Após a melancolia de Paulo VI, o meteoro do riso de João Paulo I, os espetáculos de João Paulo II e o comportamento professoral de Bento XVI, vem um papa jesuíta, com a bondade e compaixão do *poverello* de Assis e a argúcia de Francisco Sales. Assim a Igreja Católica começa o século XXI.

Bibliografia

ALBERIGO, Giuseppe. **História do Concílio Vaticano II**. Petrópolis: Vozes, 1996. Volume I.

ANDERSON, Perry. **As linhagens do absolutismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**. A aventura da Modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

³⁸ Paulo VI na *Populorum Progressio*.

GALBRAITH, John Kenneth. **A era da incerteza**. São Paulo: Pioneira, 1986.

GIORDANI, Mario Curtis. **Ação social da Igreja no Mundo Antigo**. Petrópolis: Vozes, 1950.

LESSOURD, Paul. **História secreta dos conclaves**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

MARTINA, Giagomo. **História da Igreja**, Vol IV – *a era contemporânea*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

RATZINGER, Joseph. **Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o símbolo dos apóstolos**. São Paulo: Loyola, 2012.

ROBERTS, Adolfs. **Igreja Túmulo de Deus?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

SILVA, Severino Vicente da. **Entre o Tibre e o Capibaribe: limites da igreja progressista na arquidiocese de Olinda e Recife**. Recife: Editora Universitária UFPE; Associação Reviva, 2006.

SILVA, Severino Vicente da. **A Primeira Guerra Mundial n’A Tribuna Religiosa: a Formação da neo-cristandade (1917-1919)**. Dissertação de Mestrado em História. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1986.

TUCHAMAN, Barbara W. **The march of folly. From Troy to Vietnam**. New York: Ballantine Book, 1984.

VOVELLE, Michel. **A Revolução Francesa contra a Igreja: da Razão a ser Supremo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

YALLOP, David. **Em nome de Deus**. Rio de Janeiro: Record, s/d. p. 121.

LETTERA POSTOLICA IN FORMA DI «MOTU PROPRIO» DEL SOMMO PONTEFICE FRANCESCO SULLA GIURISDIZIONE DEGLI ORGANI GIUDIZIARI DELLO STATO DELLA CITTÀ

DEL VATICANO IN MATERIA PENALE

http://www.vatican.va/holy_father/francesco/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio_20130711_organigiudiziari_it.html